PARA OS VEDANTINOS MAIS SERIOS - Olá Bia. Acho boa a ideia, sim. Como você já deve ter observado, Vedanta e’ para os raros indivíduos que compreendem e aceitam que a plenitude e felicidade permanente não pode ser encontrada em nenhum objeto de experiência. Essa e’ a lição n. 1 dos Upanishads. E o motivo e’ muito simples; O indivíduo já e’ permanentemente pleno e feliz em sua natureza e por sua vez, os objetos de experiência são por natureza ‘impermanentes’, eles se modificam continuamente. Portanto, não fique surpresa se as pessoas entorno a você não se interessarem pelo Vedanta...

O que significa a afirmação; “a Realidade e’ não dualística?” Olá Bia, esse e’ um ponto chave para a Realização do Ser e a consequente liberação do Jiva. E’ também um dos ensinamentos básicos do Vedanta. Muita gente já ouviu falar da não-dualidade, mas quase todos pensam que se trate de uma experiência mística (epifania). Mas não e’, muito embora a mente seja capaz de projetar todo tipo de experiências, inclusive uma epifania de “não-dualidade”!

A Consciência não-dualística, impessoal universal e’ a própria natureza do Ser pleno que tudo e todos somos. Uma das chaves para a “iluminação” e’ compreender que o indivíduo, em sua essência absoluta, e’ a Consciência Impessoal plena e pura. A dificuldade se encontra no fato de que o indivíduo se identifica e pensa de estar localizado em seu corpo físico, o que e’ absolutamente falso. Esse e’ um dos tantos truques produzidos por Maya, o grande magico, o grande enganador!

No momento que nos imaginamos localizamos em nosso corpo físico, todos os outros objetos aparecem separados e distantes em referência ao meu corpo. Desse modo, imediatamente, o mundo dualístico (sujeito-objeto), e da pluralidade de objetos (isso e aquilo) se torna uma realidade para mim. A dualidade e’ uma função dessa interpretação errônea; eu sou o corpo físico, ou melhor dizendo; a minha mente se localiza em meu corpo físico.

A afirmação dos Upanishads de que a Natureza da Realidade e’ a Não-Dualidade nos coloca num conflito psicológico-existencial, porque a nossa experiência nos diz que a natureza do universo e’ a diversidade, a pluralidade e fundamentalmente a dualidade; sujeito e objeto. Mas imaginemos a possibilidade de que, em verdade, a mente humana (o corpo sutil) não se localize no corpo físico, mas exatamente o contrário; meu corpo físico aparece em minha mente.

Imaginemos também que não exista uma linha divisória entre a mente humana e a consciência humana. E ainda mais importante imaginemos que a consciência plena-universal-impessoal seja a mesma consciência que ilumina, vivifica, anima e opera a mente do indivíduo (Jiva). Se após uma análise e contemplação, essa compreensão for assimilada, e firmemente retida, a falsa distância entre a Consciência Plena, a mente humana e os objetos aparecendo dentro da consciência, colapsam, e a natureza não dualista da existência e’ realizada.

Os objetos (densos e sutis) parecem ser separados da mente e da consciência, mas na verdade eles são fabricados pela/a partir da consciência. Eles emergem e se dissolvem dentro da consciência. Não existe separação ou distância entre a consciência e os pensamentos/objetos de experiência. A afirmação absoluta de que a natureza da Realidade e’ a “não-dualidade” e’ um fato irrefutável que pode ser provado através dessa simples lógica baseada na nossa experiência.

Mas é igualmente importante compreender que o mundo aparente dos objetos pertence a uma ordem secundaria (aparentemente real) aonde a dualidade e’ lei. A discriminação entre o real e o não-real (aparentemente real) e’ a chave para essa compreensão. A realidade e’ aquilo que existe permanentemente... sua natureza e’ Satya, a não-modificação, a ilimitação, a não-dualidade e a atemporalidade... e’ o ser universal, a consciência plena inteira, completa e sempre presente.

O indivíduo e’ ambos; o aparentemente real (Jiva), e o Ser Universal pleno atemporal e ilimitado (consciência pura) travestido/disfarçado de Jiva. Em outras palavras; a consciência plena existe em duas ordens de realidade simultaneamente.

Do mesmo modo, os Jivas possuem duas identidades; uma primaria como consciência plena-absoluta - e uma secundaria; a consciência aparentemente personificada como o Jiva. A essência/fonte do Jiva e’ a consciência. O Jiva depende da consciência – mas a consciência não depende do Jiva. Mas infelizmente Maya, o grande trapaceiro, faz com que pensemos que a essência /fonte da consciência seja a matéria ou em outras palavras, que a consciência seja uma propriedade ou produto do complexo corpo-mente do Jiva.

Tudo o que existe e’ a consciência universal plena (H2O), e ela e’ não-dualística por natureza. Mas, quando o poderoso Maya entra em ação, uma outra ordem de realidade vem projetada sobre a consciência plena; a criação do universo (Oceano). Essa secundária ordem de realidade e’ composta de infinitas partes... e’ pura diversidade, pluralidade, dualidade - ela e’ projetada por Isvara através das três energias e os cinco elementos. Posteriormente a criação de Isvara e’ interpretada pelos Jivas humanos (Ondas no Oceano) através de uma função do intelecto que analisa, discrimina e associa nomes a formas. Tudo nessa realidade aparente não passa de uma grande projeção holográfica cuja natureza e’ a consciência absoluta não-dualistica.